

Contos de fadas e mapas do imaginário: um mundo de princesa em casa e na mídia¹

Marco Auréio Reis²

Fernanda Sevarolli Creston Faria Kistemann³
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO

O presente estudo apresenta a expressão mapa do imaginário a partir dos contos de fadas e a interação do sujeito e o mundo. A importância da pesquisa reside na representação simbólica dos contos e como cenários constituídos imaginariamente fazem parte de momentos significativos da vida de determinadas pessoas mais do que de outras. Destacamos o papel do conto na formação dos mapas com exemplos femininos. Utilizamos a abordagem metodológica do Estudo de Caso (Yin, 2015) e, como procedimento metodológico, a Análise de conteúdo (Bardin, 2011). Apoiamo-nos em Bourdieu (1998), Foucault (2003), Maffesoli (1985, 1996) e Silva (2012).

PALAVRAS-CHAVE: contos de fadas; ficção; factualidade; mídia; mapas do imaginário.

Ela sonhava em ser uma princesa em um mundo encantado, mas casou-se com um belo rei que a fez rainha de seu coração eternamente no mundo imaginário dos felizes para sempre (Kistemann, 2025).⁴

Este trabalho integra uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Doutorado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), vinculado ao Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias. O estudo investiga o potencial comunicacional dos contos em sua formatação contemporânea em intertextualidade com narrativas factuais.

A presente análise demonstra o valor simbólico presente nos muitos imaginários existentes no meio social compreendidos a partir dos contos de fadas (Bourdieu, 1998) e sua influência na audição e conhecimento/reconhecimento de narrativas sociais e culturais na sociedade. Ademais, tais contos se revelam relevantes por constituírem as narrativas pessoais que acompanham o desenvolvimento individual e coletivo do ser humano desde sua infância até sua morte, desempenhando papel de suma importância na formação de imaginários individuais, compartilhados e coletivos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT14NO – Imaginário evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, email: marco.reis@ufjf.br.

³ Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, email: fernandasevarolli@gmail.com.

⁴ Palavras da autora especialmente escritas para este texto. Abril de 2025.

Nossa reflexão se insere no debate sobre a persistência de estruturas narrativas arquetípicas na cultura midiática contemporânea e suas potencialidades para a construção do que convencionamos chamar de “mapas do imaginário”. Tal denominação por nós concebida se deu a partir de observações repetidas de construções realizadas por (muitas e diversificadas) personagens femininas dos contos de fadas, historicamente associadas a estereótipos de fragilidade e passividade que dão lugar no mundo real a mulheres que se realizam em e com seus papéis na vida cotidiana. Não descolada da realidade vivenciada ao longo dos anos, a ideia que aqui defendemos vem no escopo de nossa pesquisa em contato com a comparação estabelecida entre as narrativas ficcionais e factuais e motivando um novo adendo ao observarmos a construção vívida dos referidos mapas em campanhas midiáticas diversas, desde a referência a roupas às campanhas de produtos cosméticos, entre outros. O apelo ao mundo dos contos de fadas começa a perpetuar um costume que evoca desde a infância a presença comum dessa alegoria dentro da realidade para muitos e muitas em vários contextos.

Demonstrar que o imaginário cultivado desde a infância através dos contos cria laços afetivos que ligam os leitores e/ou ouvintes por laços geracionais parentais; laços imaginativos; entre outros, que estabelecem relações emocionais duradouras com imaginários expressivos durante a vida dos cidadãos leitores/ouvintes. Esses imaginários criam uma espécie de mapa do imaginário que habita a mente do indivíduo e vai se manifestar em um (ou vários) momento de sua vida.

Os contos de fadas, ao serem considerados sob a ótica do imaginário, ultrapassam uma simples análise literária, aproximando-se de uma análise cultural que revela as influências temporais e sociais que permeiam essas narrativas (Silva, 2012; Maffesoli, 1988, 1996). Ao adaptarem e reescreverem essas histórias, os autores absorveram imaginários dominantes de suas épocas, impregnando suas narrativas com crenças e valores culturais que ressoaram nos leitores. A tradição oral, ao ser transposta para o texto escrito ou audiovisual, preserva simbolismos, afetos e experiências coletivas, enriquecendo e ampliando o imaginário do leitor.

Apresentamos o mapa do imaginário como uma expressão nova a ser considerada e, para tanto, relatamos um exemplo desta expressão: uma menina que nasce e cresce ouvindo contos de princesas e sobre o mundo das princesas, vivendo em um quarto de princesa, tendo aniversários de princesa, casamento de princesa, entre outros momentos

de princesa, terá em sua mente um mapa do imaginário específico e delimitado pela realeza e imagem da princesa que unicamente ela, a menina, construiu a partir dos contos de fadas ouvidos e vividos desde a infância. Toda esta representação, a faz perpetuar a realidade imaginária de princesa capaz de fazer aquela menina reclamar pelo referido mapa do imaginário “de princesa” ao longo de sua vida. Desse modo, ao evocarmos essa expressão, demonstramos que não se trata de um simples *frame* ativado pela memória, mas sim um mapa do imaginário específico e delimitado que é criado por e para pessoas em determinadas situações. Eles estão se tornando cada vez mais comuns no mundo, iniciando sua construção na infância e prosseguindo até a vida adulta e continuando a existir até a velhice.

O conceito de "mapa do imaginário" é proposto como uma nova expressão interpretativa, ilustrada pelo exemplo de uma pessoa muito jovem criada sob a influência dos contos de fadas. Ao ouvir histórias sobre princesas e vivenciar celebrações temáticas — aniversários, decoração de quarto, casamentos, etc. — essa criança constrói mentalmente um mapa simbólico associado à realeza e à figura da princesa. Esse imaginário específico e delimitado pela ideia de realeza a acompanha ao longo da vida, manifestando-se em suas aspirações e em suas reivindicações ligadas a um "mundo de princesa".

Com a introdução da noção de "mapa do imaginário", observa-se que este não constitui um simples elemento de memória evocativa, mas representa um constructo específico, criado e mantido por pessoas em contextos culturais distintos. Esses mapas imaginários são formados a partir de estímulos presentes desde a infância, perpetuando-se continuamente e exercendo influências sobre os sujeitos ao longo de sua existência, podendo ser mantido através de um ciclo vicioso (ou não).

A partir do uso mercadológico de expressões e objetos relativos e/ou pertencentes aos contos em peças publicitárias, observamos que a locução substantiva “de princesa” é ressemantizada no mundo midiático, corroborando com a ideia de que meninas, jovens e mulheres consomem o conceito de realeza e estabelecem um contato de intimidade relacional com o universo medieval promovido por seus pais e/ou familiares ou simplesmente a partir da audição dos contos. Em muitos casos, o primeiro contato com esse universo se dá ainda no ventre da mãe da futura “princesa”, assim denominada pelos

pais, com a estruturação do primeiro mapa do imaginário da mãe que, possivelmente, vivenciou este ciclo: o quarto da princesa:

Figura 1 – Quarto de Princesa



Fonte: Viva e Decora (2025).

A Figura 1 traz a referência ao primeiro mapa do imaginário que coloca a menina em evidência no primeiro local com objetos que evocam a realeza: a coroa, o mosquiteiro, os babados e a verbalidade que sempre envolverá a criança na esfera das histórias e da realidade que a coloca no centro dessas inferências enquanto princesa do lar. O segundo passo da vida da menina, além de sempre lembrá-la de que ela é a princesa nos tratamentos e em sua casa, será em suas roupas e em seu segundo quarto até a vida adulta. As próximas duas figuras tratam das roupas e do quarto da menina moça. Demonstramos que as roupas de princesa podem ser encontradas tanto em lojas populares, conforme a Figura 2, como em lojas de luxo, conforme a Figura 3.

Figura 2 – Roupas de princesa em lojas populares



Fonte: Viva e Decora (2025).

Figura 3 – Roupas de princesa em lojas de luxo



Fonte: Viva e Decora (2025).

Já a Figura 4 apresenta o quarto da jovem princesa quando atinge a adolescência e aguarda para encontrar seu príncipe encantado. Até lá, a mídia encanta a jovem com promessas de festa de 15 anos, decorada com motivos de princesa, até seu casamento de princesa, etc. Observe que no quarto de adolescente, a menina sai do castelo de brinquedo e vai para outro castelo, ainda com fortes referências do mundo dos contos, sempre reforçando as referências e os mapas que a ligam às tradições e rituais sempre presentes.

Figura 4 – Quarto para a princesa adolescente



Fonte: Viva e Decora (2025).

A vida das mulheres que vivenciam esses mapas do imaginário é perpassada por muitos deles em muitos momentos, os quais envolvem a realeza e, sempre que são

citados, evocam elementos capazes de construí-los de forma a corresponder a uma realidade quase paralela, mas compreensíveis àqueles que o vivenciam em destaque com a personagem principal de sua criação: a mulher-princesa. Pessoas que por ventura não estejam vivenciando a realidade desse mapa do imaginário, não compartilharam desse tipo de evocação, do imaginário específico dele, pois estão vivenciando outra situação em suas vidas.

Apesar desses mapas ocorrem em sua maioria com mulheres e meninas, com o passar do tempo, esse universo também tem despertado o interesse dos meninos. Com o título de príncipes e reis, as famílias, o mercado e a mídia têm conquistado aos poucos o público masculino mirim, que também têm conquistando seus próprios mapas do imaginário.

A análise baseia-se na metodologia estudo de caso conforme descrita por Yin (2001) e no procedimento metodológico análise de conteúdo de Bardin (1977). Essas abordagens proporcionam uma investigação detalhada dos elementos simbólicos e narrativos dos contos de fadas e suas influências no imaginário coletivo, principalmente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

YIN, Robert. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.